

As gentes bárbaras no cantar de Valtário (século V)

The barbaric peoples in the epic of Waltharius (5th century)

Claudio Vinicius Akio Takayasu

Resumo: No contexto das novas configurações políticas e sociais da Antiguidade Tardia, na qual os povos germano-bárbaros exercem grande influência política sob os processos históricos na Europa, ganha importância na historiografia e surge em relevância o estudo de um poema com o de Valtário. O presente trabalho apresenta e discute o cantar, buscando o entendimento das gentes bárbaras na obra e questionando se e como representações presentes nela ilustram os povos bárbaros que existiam na Europa na época apresentada. Por meio do método histórico-filológico, baseando-se tanto no estudo da fonte quanto de referências previamente publicadas e posteriormente do trabalho de Tácito em *Germania*, o estudo pôde traçar paralelos entre a época de escrita (séculos IX-X), o tempo representado (século V) e o contexto histórico no qual está envolvido o poema, auferindo dele a representação do bárbaro.

Palavras-chave: Identidade; Bárbaros; Waltharius; Antiguidade Tardia.

Abstract: In the context of the new political and social configurations of the Late Antiquity, in which that Germanic-barbarian peoples exert significant political influence over the historical processes in Europe, the study of a poem like Waltharius' arises in relevancy. This work presents and discusses it, exploring the understanding of barbaric peoples within the epic and questioning whether and how the representations picture the barbaric folk living in Europe during the depicted time. Through the historical-philological method, based on both the study of the source material and the bibliographical references previously published, as well as Tacitus' *Germania*, the study was able to delineate parallels between the period of writing (9th-10th centuries), the time portrayed (5th century), and the historical context in which the poem is situated, revealing its representation of the barbarian

Keywords: Identity; Barbarians; Waltharius; Late Antiquity.

Introdução:

A entrada dos povos bárbaros nos territórios previamente em controle do Império Romano do Ocidente marcou a formação de novos paradigmas, modos de vida e governança, padrões morais e um imaginário próprio para a nova idiossincrasia bárbaro-romano-cristã que caracteriza os séculos posteriores às novas mobilidades europeias durante a Antiguidade Tardia. Na medida em que Imperium torna-se um anacronismo na antiga porção ocidental, o estudo das populações germanas como novas ocupantes desse território ganha importância na historiografia e a questão do bárbaro como agente histórico no ambiente europeu após a dissolução do poder central é uma que passa a despertar grande interesse em historiadores da Antiguidade Tardia e medievalistas, a qual,

somada às dificuldades em apontar com certeza a maneira pela qual estas populações enxergavam a si mesmas, quais eram seus quadros morais, modos de vida e tradições dada a escassez de fontes escritas bárbaras sobre os assuntos tratados, torna esse um tema de grande discussão historiográfica, à qual esse artigo busca contribuir.

As investidas historiográficas posteriores visando à legitimação dos novos reinos bárbaros culminaram na escrita de diversas fontes, as quais hoje servem tanto ao estudo do período tanto na qual foram produzidas, como também para o entendimento de períodos anteriores (tendo em consciência o amálgama civilizacional que era produzido nesse contexto). *Waltharius* é uma dessas fontes: escrito entre os séculos X e XI por um autor incerto e contendo pouco menos de 1500 versos (originalmente em latim), o cantar conta a história épica do guerreiro aquitânia Valtário no contexto das incursões hunas pelos reinos da Gália do século V. Na narrativa, o personagem que dá nome à obra (uma figura representada como guerreira e habilidosa em batalha), inicialmente entregue a Átila como refém durante o período de conquistas hunas pela Europa Ocidental, foge destes domínios em direção à Burgúndia ao lado de Hildegunda, a figura feminina de maior proeminância na obra e de origem nobre deste reino. Ao longo da jornada, Valtário tem de defender Hildegunda, o tesouro que leva das terras hunas à Gália e a si mesmo das ameaças de Haganón – mais um dos entregues à corte de Átila – e do Rei Guntário: ambos francos que lutam (embora a motivação de Haganón não seja essa) pela recuperação do tesouro dado pelo pai de Guntário aos hunos ao começo da obra. A narrativa é finalizada por um banquete de heróis, servido pela nobre Hildegunda e que fecha a obra em tom leve e até mesmo cômico.

A historiografia divide-se em relação à autoria do cantar, com três correntes teóricas principais aparecendo constantemente nos estudos acerca do poema: a primeira aceita Ercambaldo como o autor. Este seria possivelmente Ercambaldo I, monge da abadia de St. Gallen (na atual Suíça) durante meados do século X, referenciado mais tarde por Ercambaldo IV (que viveu entre 980 e 1056), monge da mesma abadia, como o autor por trás do cantar de Valtário. A autoria de Ercambaldo I é altamente reconhecida e tratada como certeza nas explicações leigas de *Waltharius* encontradas na internet e na historiografia mais antiga (KIRSCH, 1909). O Ercambaldo referenciado no prólogo ainda poderia ser, por exemplo, um bispo de Eichstätt que foi contemporâneo de Geraldo (do qual será tratado em seguida) (FLORIO, 2002). A segunda linha teórica mais forte reconhece o *Prologus Geraldii* como um reconhecimento de paternidade do poema,

ressaltando o papel de um Geraldo como *magister scholarum* de St. Gallen por volta de 970 (KRATZ, 1984). A teoria “geraldiana” enfraquece-se à luz da falta de seu prólogo em boa parte da tradição manuscrita de *Waltharius* (FLORIO, 2002).

Uma última teoria atesta a autoria como de outras figuras do período analisado ou mesmo de um autor desconhecido (FLORIO, 2002), sendo proveniente de compilações de antigas lendas germanas durante ou pouco após o governo de Carlos Magno, já que o contexto de surgimento dessa versão da história de Valtário coincide com o período de recomposição cultural proposta durante seu governo (RIO, 2015), também explicando sua escrita em latim como esforço para resgatar a cultura à qual esta língua estava atrelada. Enquanto a escrita do cantar de Valtário se dá em um período de consolidados reinos bárbaros e proeminência dos francos na região, a época representada abrange as incursões de Átila pela Europa e a invasão dos Reinos da Gália pelo comandante huno – nominalmente os francos, burgúndios e aquitâniros – encapsulando um tempo de guerra e instabilidades (CAMBRIDGE, 2008; JONES, 1964) que caracterizam os séculos posteriores ao anacronismo de um “Império Romano” na Europa Ocidental (FRIGHETTO, 2012).

Muitos dos principais estudiosos da obra consideram a sua escrita como fruto de uma tradição oral germana da lenda do herói Valtário (KRATZ, 1984; FLORIO, 2002; MACLEAN, 2018; ZIOLKOWSKI, 2000), tanto pela existência das versões anglo-saxã *Waldhere* e alemã *Hildebrandslied* como pelas referências à lenda do guerreiro Valtário três vezes no Cantar dos Nibelungos e em outras narrativas de tradição germana. A improbabilidade de um conhecimento do autor de *Nibleungenlied* sobre o manuscrito latino de *Waltharius* sugere que ambas as obras bebem de um mesmo “imagético de lendas comum” (KRATZ, 1984, p. 7-8). A conservação do cantar se deu a partir de manuscritos distintos, sendo quatro versões completas (das quais três constam o *Prologus Geraldi*) e mais uma série de fragmentos (HAUG, 2007, p. 4; 21). A coleção e organização destes manuscritos na versão atual e mais usada de *Waltharius* se devem ao trabalho historiográfico de Karl Strecker durante os anos 50, sendo as duas traduções utilizadas nesse trabalho frutos dos esforços prévios de Strecker (KRATZ, 1984, p. 15).

Esse artigo é fruto da pesquisa de Iniciação Científica orientada pelo Professor Renan Frighetto, que apresentou essa fonte dado o interesse do pesquisador em estudar uma fonte de origem bárbara com enfoque nos temas de identidade e cultura. Algumas questões principais foram tomadas para o questionamento em relação à fonte: É possível

auferir, a partir da leitura do cantar de Valtário, uma representação dos bárbaros no contexto do século V? Se sim, como se deu esta representação dentro do contexto de escrita do cantar? Responder tais questionamentos possibilitou o entendimento da posição da obra dentro da época de amalgamas e rupturas na qual se encontra *Waltharius*. Para a análise, foram buscados paralelos e comparações possíveis com o descrito pelo escritor de história romana Tácito em *Germania*.

Desenvolvimento:

Um produto de sua época, o cantar de Valtário é criado durante o caráter cultural ecumênico dos séculos IX e X, quando a consolidação do cristianismo como religião predominante pela Europa combinava-se ao estabelecimento dos bárbaros germanos como novos agentes de poder secular desde a dissolução do Império Romano Ocidental e estes governos buscavam conformar as posições culturais de seus valores étnicos, cristãos e resgatar o clássico (vide os esforços da Revolução Cultural Carolíngia em recompor a cultura e a língua latinas) (RIO, 2015). A pesquisa atestou, tanto por meio das leituras bibliográficas quanto das diferentes versões do cantar, a necessidade de um reconhecimento de como ocorre esse amálgama dentro do cantar de Valtário para a definição de quais são os valores e características cristãos e bárbaros.

É importante notar a preferência do autor de *Waltharius* pelo quadro moral cristão à ética pagã que o precede¹ (considerando também a autoria de Geraldo ou Ercambaldo I, ambas as figuras pertencentes ou de alguma forma ligadas ao corpo religioso da Igreja da época), vide a inclusão posterior do discurso de Haganón contra a avareza (857-875)² ao seu sobrinho que se propõe a enfrentar Valtário, no qual descreve o pecado como a “[...] raiz de todos os males!” (854-855). O discurso se contrapõe à neutralidade com a qual muitas lendas e histórias germano-bárbaras costumavam tratar a busca por um tesouro e/ou riquezas mundanas (FLORIO, 2012, p. 174; MACLEAN, 2018, p. 17-18): aqui, o tesouro aparece como motor de discórdia e objeto de ganância. Simon MacLean (2018, p. 18) expressa sua interpretação do poema como uma parábola sobre a cobiça humana,

¹ Dennis Kratz refere-se explicitamente ao cantar como um “Christian epic”: ainda que o faça ao mesmo tempo em que considera *Waltharius* um trabalho de satirização, a caracterização de Kratz reflete as intenções autorais no cantar.

² Todas as referências aos versos do poema indicam a versão traduzida pelo Professor Rubén Florio e publicada em 2002.

tomando o papel central do tesouro e as ações dos personagens perante sua presença como foco.

O desprezo pelos bens materiais como valor promovido pelo cantar ainda está presente na caracterização do Rei Guntário ao longo da narrativa: a avareza deste pelo tesouro causa a longa série de duelos durante a segunda metade do texto, sendo ele o único dos três combatentes finais a não ser caracterizado como “herói” ao longo da narrativa. Seu valor ético inferior ao de Valtário e Haganón ainda é reforçado por suas habilidades guerreiras inferiores, que por tantas vezes andam lado a lado em arquétipos heroicos bárbaros e cristãos. Guntário serve, portanto, como arquétipo em *Waltharius* de uma figura de poder falha e moralmente questionável, possivelmente um substrato reconhecível da época na qual escreve o autor.

Outro exemplo da sobreposição de atitudes cristãs sob ótica positiva no cantar é o amor de Valtário por seus inimigos. Declara o herói (1162-1168):

Ao supremo Criador, que governa a criação, sem a vontade e ordem do qual nada poderia existir, dou graças, pois me protegeu das ímpias armas de meus inimigos e também de qualquer desonra.

Não obstante, de coração arrependido, peço ao meu bom Senhor, que quer castigar o pecado e não os pecadores, que deixe-me voltar a ver na morada celestial aqueles que matei. (FLORIO, 2002, p. 173, tradução própria)³

Ao desejar que volte a ver seus inimigos mortos no céu, Valtário expressa o ideal cristão de amor ao próximo e desejo da Salvação até mesmo para seus inimigos. Ao mesmo tempo, o herói argumenta (1217-1221):

É melhor buscar uma morte bela em combate do que, estando tudo perdido, abandonar o local em fuga temerosa! Na verdade, nunca deve-se perder as esperanças de salvação quem já enfrentou outrora perigos maiores. (FLORIO, 2002, p. 175, tradução própria)⁴

Aqui, Valtário exclama sua apreciação pelo ideal de *pulcra mors*, presente no ideário cristão por meio do batismo de sangue – o martírio – quando envolve no sacrifício uma defesa da fé, mas aqui representando o valor pagão de uma morte em batalha

³ Da tradução para o castelhano de Rubén Florio: “Al supremo Hacedor, que gobierna la creación, sin cuya voluntad y mandato nada puede existir, soy gracia, porque me ha protegido de las inicuas armas de mis enemigos y también de toda desonra. No obstante, con corazón contrito, ruego a mi benigno Señor, que quiere castigar el pecado no a los pecadores, me conceda volver a ver en la morada celestial a estos que he matado.”

⁴ Da tradução para o castelhano de Rubén Florio: “Es mejor buscar una hermosa muerte en combate antes que, cuando todo está perdido, abandonar el terreno en desbandada fuga! En verdad, nunca debe perder las esperanzas de salvación quien ha afrontado en otro tiempo peligros mayores.”

gloriosa, a bela morte. Trata-se da mesma glória individual cultuada pelas sociedades greco-latinas antigas, mas que é frequentemente considerada, numa visão de mundo cristão que rejeita a *glória individual* como uma virtude a ser persuadida, como um obstáculo para a perfeição espiritual por meio da humildade.

O guerreiro aquitânia também demonstra interesse no tesouro que leva dos domínios de Átila na Panônia, contrariando o modelo ideal de herói da nova fé, que seria alguém de desapego total em relação à materialidade e reafirmando a dualidade do herói e suas imperfeições como figura heroica cristã na obra.

Florio (2002, p. 53-55) analisa o trabalho do autor de Waltharius no balanceamento entre os preexistentes valores bárbaros e os introduzidos valores cristãos como um descarte de características fortemente divergentes, conservação das comuns e cristianização das restantes. Mesmo nesse cenário, características fortemente divergentes ao que é considerado positivo nessa nova idiossincrasia cristã, pregadora da humildade, perdão, caridade e desprezo pelos bens materiais e mundanos aparecem na personificação de figuras como Átila e do Rei franco Guntário.

O Professor Rubén Flório indica a *Germania* de Tácito (escrita pelo autor romano ao final do século I d.C.) como um possível referencial em abordagens do cantar de Valtário (FLORIO, 2008, p. 113-121). Na obra, o escritor de história romano descreve os costumes, organização social e política e as características principais dos povos germanos de sua contemporaneidade. A tomada das características e tendências descritas por Tácito em *Germania* como referencial, ao buscar denominadores comuns entre os povos germânicos da época, abre a possibilidade de comparar e apontar os pontos convergentes entre essa obra e o cantar, formulando paralelos temáticos que conectam as virtudes guerreiras exibidas no poema às tradições clássicas resgatadas no Renascimento Cultural Carolíngio.

A descrição dos equipamentos e armaduras utilizadas pelos povos germanos no trabalho de Tácito inclui a importância dada por estes aos escudos:

Não há ostentação de seus equipamentos: apenas seus escudos são marcados com cores cuidadosamente escolhidas. [...] Abandonar o escudo é o mais vil dos crimes; um homem desonrado de tal forma não deve estar presente durante os ritos sagrados e nem entrar no conselho; de fato, muitos, ao escaparem de uma batalha, dão fim a suas infâmias por meio do enforcamento (TÁCITO, 1942, p. 711-712, tradução própria)⁵

⁵ Da tradução para o inglês de Alfred John Church e William Jackson Brodribb: "There is no display about their equipment: their shields alone are marked with very choice colours. [...] To abandon your shield is the

A mesma honra no escudo pode ser constatada na habilidade de Valtário no uso do escudo em suas batalhas: enquanto seus inimigos são descritos desferindo ataques e lançando suas armas “com fúria”, “com todas as suas forças”, Valtário defende-se com seu escudo com tamanha facilidade a destacar a precisão e frieza do aquitânio em combate. Valtário responde a Hadavardo, um dos desafiantes que vence em batalha, sobre a gratidão que deve a seu escudo:

Não falo do resto, mas irei defender o escudo. Devo-lhe, acredite, grandes favores. Sempre se opôs aos meus inimigos e recebeu as feridas destinadas a mim. O quão útil têm sido hoje acaba de ver você mesmo: não estaria falando com Valtário, não existira este escudo. (FLORIO, 2002, p. 147, tradução própria)⁶

Além disso, as lanças empunhadas pelos guerreiros bárbaros são incluídas na descrição: “poucos usam espadas ou armas longas. Eles carregam uma lança (de nome *framea*), de cabeça estreita e curta, mas tão afiada e fácil de empunhar que a mesma arma serve [...] para combates de curta e longa distância” (TÁCITO, 1942, p. 711, tradução própria)⁷ - assim como o caráter das batalhas da porção final de *Waltharius*, em que combates corpo a corpo são intercedidos por lançamentos e defesas de longa distância.

Dois episódios de banquetes são de crucial importância na narrativa de *Waltharius*, pois ocorrem em momentos vitais na história: o banquete de Átila e sua corte após batalha vencida, quando Valtário aproveita o momento para fugir com Hildegunda e o banquete dos três guerreiros ao fim da narrativa, que proporciona as interações finais entre os quatro personagens principais. Sobre o papel dos banquetes na vida dos povos bárbaros, Tácito comenta:

Mas é durante seus banquetes que geralmente consideram a reconciliação entre inimigos, a formação de uniões matrimoniais, a escolha de chefes e até mesmo a paz ou a guerra, pois acreditam que não há tempo no qual a mente está mais aberta à simplicidade de propósito e mais propensa a ideais nobres. [...] eles revelam seus pensamentos

basest of crimes; nor may a man thus disgraced be present at the sacred rites, or enter their council; many, indeed, after escaping from battle, have ended their infamy with halter”

⁶ Da tradução para o castelhano de Ruben Florio: “No hablo del resto, pero voy a defender el escudo. Le adeudo, créeme, grandes servicios. Siempre se opuso a mis enemigos y recibió las heridas a mí destinadas. Cuán útil me ha sido hoy, acabas de verlo tú mismo: no estarias hablando con Valtario, si este escudo no existiera”

⁷ Da tradução para o inglês de Alfred John Church e William Jackson Brodribb: “[...] few use swords or long lances. They carry a spear (*framea* is their name for it), with a narrow and short head, but so sharp and easy to wield that the same weapon serves [...] for close or distance conflict”

ocultos durante a liberdade festiva. (TÁCITO, 1942, p. 720, tradução própria)⁸

Esse trecho pode ser adequado mais corretamente ao banquete final, quando os anteriormente combatentes reconhecem a grandeza em batalha de Valtário e Haganón e colocam suas disputas de lado em prol do descanso e da paz, bebendo juntos e reconhecendo as qualidades de cada um: a destreza e capacidade combatente de Haganón, que junta-se à sua renúncia pessoal de amizade com Valtário para defender o Rei do qual fazia-se vassalo na composição do personagem como herói, a grande habilidade com a espada e magnitude espiritual⁹ de Valtário, a quem Haganón reconhece como “mais forte que eu” (1419-1420) e pois suplica a Hildegunda que sirva-o primeiro. Por fim, Guntário é reconhecido pelo papel desempenhado na batalha, quando Valtário diz que o mesmo mostrou-se irreverente em uma batalha com outros dois combatentes magnânimos, permanecendo de pé mesmo sem energias (1413-1415).

A reconciliação ainda é demonstrada nas interações finais, na medida em que os personagens tratam das consequências da batalha com teor leve e cômico, mas ainda assim reconhecendo a honra nas cicatrizes e ferimentos que descreve Tácito como de grande importância no imaginário guerreiro do *barbaricum*. Ainda sobre banquetes e festividades, o escritor de história romano revela os vícios da bebedeira nos quais engajam os bárbaros:

Passar um dia e uma noite inteiros bebendo não é vergonha para ninguém. [...] Se satisfizer o amor [dos germanos] pela bebida os oferecendo o quanto desejarem, serão estes dominados por seus vícios tão facilmente quanto pelas armas de um inimigo. Em qualquer momento em que não estão lutando, passam muito do tempo na caça e ainda mais no ócio, entregando-se ao cochilo e aos banquetes [...] (TÁCITO, 1942, 720; 716, tradução própria)¹⁰

É o ocorrido com Átila e sua corte na noite de escape de Valtário e Hildegunda: o comandante huno sucumbe à bebedeira, sendo servido indiscriminadamente e acabando

⁸ Da tradução para o inglês de Alfred John Church e William Jackson Brodribb: “Yet it is at their feasts that they generally consult on the reconciliation of enemies, on the forming of matrimonial alliances, on the choice of chiefs, finally even on peace and war, for they think that at no time is the mind more open to simplicity of purpose at more warmed to noble aspirations. [...] they disclose their hidden thoughts in the freedom of the festivity.”

⁹ O Professor Rubén Florio aponta a identificação *magnanimis* para o personagem principal como indicação de uma grandeza de espírito heroica.

¹⁰ Da tradução para o inglês de Alfred John Church e William Jackson Brodribb: “To pass an entire day and night in drinking disgraces no one. [...] If you indulge their love of drinking by supplying them with as much as they desire, they will be overcome by their own vices as easily as by the arms of an enemy. Whenever they are not fighting, they pass much of their time in the chase, and still more in idleness, giving themselves up to sleep and to feasting [...]”

por ficar inconsciente, permitindo que a burgúndia leve o tesouro à sua contraparte aquitânia e os dois escapem do domínio do exímio chefe militar bárbaro. Nesse trecho da narrativa, assim como descrito por Tácito, a cabeça do corpo militar huno sucumbe a seus próprios vícios como se o fizesse “pelas armas de um inimigo”.

Ainda sobre a presença feminina de Hildegunda no cantar, mesmo que secundária a Valtário na maior parte do poema, é possível reconhecer vislumbres do que é comentado em *Germania* como o papel feminino nas sociedades bárbaras com as atitudes da nobre burgúndia no poema:

E o que mais estimula a coragem destes é o fato de que seus esquadrões e batalhões [...] são compostos por famílias e clãs. Além disso, em suas proximidades estão aqueles mais queridos por eles, para que escutem os lamentos das mulheres, os choros dos infantes. *Estes [mulheres e infantes] são para os homens as testemunhas mais sagradas de sua bravura – estes são seus louvadores mais generosos.* O soldado traz suas feridas à sua mãe ou esposa, que não hesitam em contá-las ou até mesmo em exigir que ele as mostre e administraram comida e encorajamento aos combatentes.

(TÁCITO, 1942, p, 712, tradução própria)¹¹

Ao longo de toda a jornada, Hildegunda serve à sua contraparte com ternura e cuidado: é a nobre que se põe em guarda durante os descansos de Valtário após saírem de Worms e anteriormente ao encontro final do aquitânia com Guntário e Haganón, é ao lado desta que Valtário recupera suas forças, alimentando-se e adormecendo, consolando sua noiva afligida e ordenando que fique a postos enquanto descansa dada exaustão da batalha. Por fim, é Hildegunda que serve os dois magnânimos heróis combatentes – e o Rei Guntário – após a intensa demonstração de habilidades guerreiras que presencia. Portanto, mesmo que não ocupe um papel primário no cantar de Valtário, Hildegunda representa aquilo que trata Tácito a respeito do papel feminino no trecho: a motivação do guerreiro aquitânia e sua “plateia mais generosa” no campo de batalha.

O autor romano ainda aborda como os germanos “temem com tamanho horror [o cativeiro] em nome de suas mulheres” (TÁCITO, 1942, p. 713) e que a mais forte relação de subjugação de uma nação sob outra se dá pela requisição de, entre outros reféns, virgens de origem nobre (TÁCITO, 1942). Seu registro também reconhece a visão – com

¹¹ Da tradução para o inglês de Alfred John Church e William Jackson Brodribb: “And what most stimulates their courage is, that their squadrons or battalions [...] are composed of families and clans. Close by them, too, are those dearest to them, so that they hear the shrieks of women, the cries of infants. *They are to every man the most sacred witness of his bravery – they are his most generous applauders.* The soldier brings his wounds to his mother and wife, who shrink not from counting or even demanding them and who administer both food and encouragement to the combatants.”

certeza uma generalização por Tácito, mas mesmo assim existente - sagrada desses povos em relação ao sexo. Ambas as considerações parecem suscitar imediatamente uma comparação com a rapidez com que Hildegunda pede a Valtário que a mate quando acredita presenciar a chegada dos hunos, temendo sua captura e prezando por sua castidade. Esta é uma das características descritas por Tácito e também presentes na visão cristã, configurando a conservação de características comuns ressaltada por Florio.

Ademais, ao abordar como se davam as relações bárbaras entre os chefes e seus vassalos, *Germania* expõe:

E é infame e reprovável por toda a vida viver além do chefe e retornar do campo de batalha. Defender, proteger, atribuir os próprios feitos de coragem à sua [do chefe] pessoa é o ápice da lealdade. O chefe luta pela vitória; seus vassalos lutam pelo chefe. (TÁCITO, 1942, p. 715-716, tradução própria)¹²

Entre aqueles que engajam em batalha contra Valtário e por ser um dos personagens principais da narrativa e um com motivações melhor desenvolvidas, é a relação de Haganón com o Rei franco que compõe com mais precisão a descrição de Tácito. Haganón não deseja lutar com o personagem principal e nem mesmo participa do desejo pelo tesouro representado na avareza de Guntário, mas, mesmo assim, renuncia à amizade pessoal e ao medo da morte para lutar por seu chefe e superior, demonstrando assim o “ápice da lealdade” de um guerreiro, como destacado no trecho acima. Enquanto Haganón luta por um dos mais altivos valores de sua época, outros combatentes demonstram motivações menos nobres, tal qual a vingança pela qual um dos desafiantes é movido e evidencia mais uma vez as imperfeições e intenções pecaminosas dadas pelo autor aos seus personagens.

Todos os exemplos utilizados servem para mostrar como, mesmo dado o habilidoso trabalho do autor em destacar virtudes cristãs, o substrato de um quadro moral das gentes bárbaras ainda reside no cantar. Assim, há a confirmação da presença das características e por vezes da ética germano-bárbara em *Waltharius*, e, não obstante, a possibilidade de trabalho historiográfico para recuperá-la, por meio do reconhecimento do que o Professor Rubén Florio descreve como o trabalho de adequação de valores, incompatíveis, comuns e adaptáveis pela autoria do poema mostra-se positiva,

¹² Da tradução para o inglês de Alfred John Church e William Jackson Brodribb: “And it is an infamy and a reproach for life to have survived the chief, and returned from the field. To defend, to protect him, to ascribe one's own brave deeds to his renown, is the height of loyalty. The chief fights for victory; his vassals fight for the chief.”

conhecendo por meio desse trabalho como ocorre a composição moral do cantar de Valtário no ambiente em que é criado e a importância dos padrões sociais e éticos bárbaros – seja sob luz positiva ou não - que existiam durante o panorama histórico – aquele de Átila, germanos e da Gália – durante o século V.

Considerações finais:

Utilizando-se da *Germania* de Tácito, o trabalho pôde identificar paralelos entre as tendências e características descritas pelo romano no século I e as atitudes e ações dos personagens em *Waltharius* (séculos IX-X), explorando como ocorre a representação daqueles mesmos bárbaros descritos por Tácito e que ocupam as porções anteriormente romanas durante o século V em diante, expondo exemplos e comparações que indicam a existência do substrato germano que não foi apagado, mas adaptado e incluído no trabalho historiográfico e representacional do autor do século X ou XI em recompor a matéria da lenda germana de Valtário com a nova forma cristã idiossincrática.

Desse modo, observa-se a possibilidade de auferir uma representação bárbara do século V dentro do cantar de Valtário e entende-se então, como, no período em que viveu, o autor incluiu tal identidade das gentes bárbaras. Ao entender o contexto amalgâmico em que foi composto o cantar, o trabalho pôde atestar existência do caráter identitário e cultural dos povos bárbaros na obra, reforçando assim a importância dessa obra fruto de uma época de novas formações identitárias que é *Waltharius*.

Referências:

- BLOCH, H. The Pagan Revival in the West at the End of the Fourth Century. In: **The Conflict between Paganism and Christianity in the Fourth Century**. Oxford: Clarendon Press, 1964. pp. 193-217.
- COLLINS, Roger. The western kingdoms. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael (Ed.). **The Cambridge ancient history: volume XIV**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. pp. 112-134.
- FLORIO, Rubén. **Waltharius, Figures Heroicas, Restauración Literaria, Alusiones Políticas**. in: Maia: Rivisti di letterature classiche. 2006.
- FLORIO, Rubén. **Incoherencias Del Waltharius: Reyes, Héroes y Antihéroes. La Leyenda y la Historia**. Universidad Nacional del Sur, 2012.
- FLORIO, Rubén. **Literatura e historia en El Waltharius**. Universidad Nacional del Sur, 2008.
- FLORIO, Rubén. **Waltharius: Edición revisada, introducción, comentario y traducción castellana**. Universitat Autònoma de Barcelona. Madrid, Bellaterra: Nueva Roma. 2002.
- FRIGHETTO, Renan. **Romanos, bárbaros e a História Política na Antiguidade Tardia**. Curitiba: Juruá, 2012.
- HAYMES, Edward R. *Walter and Hildegund*. In: **Medieval German: An Encyclopedia**. Ed. John M. Jeep. Nova York, Londres: Garland Publishing. 2000. p. 794.
- HAUG, Arthur. Geraldo y Ercambaldo. **Sobre el problema autoral y de fechado del Waltharius**. Tradução de Ana Clara Sisul. Universidad Nacional de Mar del Plata, 2007.
- HEATHER, Peter. The western Empire. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael (Ed.). **The Cambridge ancient history: volume XIV**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. pp. 1-32.
- HUMPHRIES, Mark. Italy, A.D. 425-605. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael (Ed.). **The Cambridge ancient history: volume XIV**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. pp. 525-537.
- JONES, A. H. M. The Social Background of the Struggle between Paganism and Christianity. In: **The Conflict between Paganism and Christianity in the Fourth Century**. Oxford: Clarendon Press, 1964. pp. 17-37.

KIRSCH, Johann P. Ekkehard. In: **The Catholic Encyclopedia**. Nova York: Robert Appleton Company. 1909. Disponível em: <https://www.newadvent.org/cathen/05370a.htm>. Acesso em: 17 de julho de 2024.

KRAMER, Rutger. A Crowning Achievement: Carolingian Imperial Identity in the *Chronicon Moissiacense*. In: KRAMER, Rutger. REIMITZ, Helmut. WARD, Graeme. **Historiography and Identity III: Carolingian Approaches**. Turnhout: Brepols. 2021. pp. 231-270.

KRATZ, Dennis M. *Waltharius*. In: **Waltharius and Ruodlieb**. Oxfordshire: Routledge, 1984.

MACLEAN, Simon. "Waltharius": Treasure, Revenge and Kingship in the Ottonian Wild West. In: **Emotion, violence, vengeance and law in the Middle Ages**. Leiden: Brill, 2018.

MOMIGLIANO, A. Pagan and Christian Historiography in the Fourth Century A.D. In: **The Conflict between Paganism and Christianity in the Fourth Century**. Oxford: Clarendon Press, 1964. pp. 79-99.

RIO, Alice. *Waltharius at Fontenoy? Epic heroism and Carolingian political thought*. Viator, 2015.

TACITUS. Germany and its tribes. In: HADAS, Moses (org.). **Complete Works of Tacitus**. Tradução de Alfred John Church e William Jackson Brodribb. Nova York: Modern Library. 1942. pp. 709-732.

WHITBY, Michael. The Balkans and Greece, 420-602. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael (Ed.). **The Cambridge ancient history: volume XIV**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. pp. 701-720.

ZIOLKOWSKI, Jan M. *Waltharius*. In: **Medieval German: An Encyclopedia**. Ed. John M. Jeep. Nova York, Londres: Garland Publishing. 2000. pp. 793-794.

Recebido em: 17/10/2024

Aprovado em: 07/03/2025